



ENTREVISTA COM MARIA TERESA EGLÉR MANTOAN:

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178130220172240>

Carlos Jordan Lapa Alves – UENF
Thalyta Nogueira de Araújo – UENF

Maria Teresa Eglér Mantoan é pedagoga, mestre e doutora em Educação pela UNICAMP. Atualmente, encontra-se como coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Mantoan tem uma larga produção acadêmica nas áreas de Educação Especial e Inclusão Escolar ocupando um espaço de destaque entre os principais pesquisadores brasileiros na área. Entre seus principais livros encontram-se: *Inclusão Escolar – o que é? Por quê? Como fazer?* (2003) e *Ser ou estar, eis a questão: uma tentativa de explicar o que significa o déficit intelectual* (1994).

Em 2011 recebeu das mãos da presidente Dilma Rousseff a outorga da Ordem Nacional do Mérito Educacional pelos relevantes serviços prestados à educação brasileira. Atualmente, a professora dedica-se as áreas de docência, pesquisa e extensão, ao direito incondicional de todos à educação e à formação inicial e continuada de professores para garantir a inclusão escolar de alunos com deficiência. Além de ser consultora do Ministério de Educação no assunto.

A entrevista foi realizada através de *Skype* durante o mês de novembro de 2016.

1) Vamos iniciar nossa entrevista pedindo que a doutora conte um pouco da sua trajetória profissional-acadêmica e quando surgiu o interesse por estudar a inclusão escolar?



MARIA TERESA MANTOAN: Eu fui professora de Educação Especial durante quase 20 anos em uma instituição especializada e quando fiz minha dissertação de mestrado¹ em 1987 me surpreendi com o desempenho dos alunos com deficiência intelectual a partir de um processo de solicitação escolar, pois esses alunos são subestimados na sua capacidade de aprender. Contudo, os alunos com deficiência intelectual tiveram um desenvolvimento significativo nas suas tarefas. Junto a isso, eu tive uma experiência em outros países como Canadá e França, onde morei e trabalhei, com crianças com deficiência intelectual e me surpreendi bastante com o desempenho deles em atividade escolares. A partir disso, comecei a estudar mais sobre os modelos de educação, conceitos médicos e nas barreiras sociais que essas crianças enfrentam e, até mesmo, as barreiras físicas impostas pela sociedade e, também, pela escola. A partir dessa reflexão, feita no exterior, trouxe para o Brasil toda essa bagagem de conhecimento e comecei a aplicar em algumas instituições de ensino como a *Fundação Síndrome de Down*. Com isso comecei a estudar mais para o meu doutorado onde trabalhei em 1991 com a ideia de que as crianças precisavam estudar em escolas comuns, entretanto, fui muito contestada pelo meio acadêmico. Todavia, tudo deu certo. Logo após eu aprofundi em questões como: Direitos Humanos e o direito à diferença e tudo isso em conjunto foi colaborando para que eu fosse divulgando as minhas ideias, convicções e as minhas pesquisas sobre a necessidade de inclusão de crianças com deficiência no ensino normal, para as pessoas que tinham interesses na área e, posteriormente, essas ideias foram implantadas nas escolas e universidades brasileiras. Neste período recebi uma valorosa colaboração, pois foi no governo Lula que a inclusão passou a ter mais espaço com a Política Nacional de Educação. Desde então, desenvolvo pesquisas com meus alunos no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED) na UNICAMP onde são produzidos artigos, projetos, dissertação e teses sobre inclusão escolar e inclusão de pessoas com deficiência.

2) Professora, em entrevista para um jornal a senhora afirmou que não concorda com a ideia que inclusão é um processo, por quê?

MARIA TERESA MANTOAN: Não concordo, pois é uma mudança muito drástica de paradigma. O processo se dá quando a pessoa muda de ideia sobre a inclusão, o que tem que

¹ MANTOAN, Maria Teresa Eglér *Educação especial de deficientes mentais: o itinerário de uma experiência*. Dissertação de mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Unicamp, 1987.



ser gradativo, lento, entretanto, rápido e radical para que detone o processo de transformação da escola. E quanto mais rápido esse processo de transformação da escola tradicional para uma escola de melhor qualidade ocorrer, mais a inclusão será uma realidade. Desta forma, a inclusão não é processual. Seria processual se entendêssemos da seguinte forma: "hoje as escolas regulares podem atender as crianças ditas "como normais" e os casos mais graves ficam nas instituições de ensino especial". Atendimentos clínicos e especializados podem e devem ser realizados nas instituições, mas escola é um outro assunto. As instituições em geral reagem defendendo que a inclusão é um processo e que as escolas regulares não estão preparadas, que elas não atendem bem, mas para elas melhorarem, elas precisam de um desafio, precisam assumir a responsabilidade de trabalhar com todas as crianças, indistintamente, têm que se reconhecerem competentes e buscarem a competência para que a inclusão ocorra. Desta forma, a inclusão escolar não é um processo.

3) Sabemos que a educação especial é fundamental para inclusão de todos os alunos ao sistema de ensino. Entretanto, precisamos voltar à instituição que forma os professores. As universidades brasileiras capacitam os estudantes de licenciaturas para atuarem com a Educação Inclusiva?

MARIA TERESA MANTOAN: Eu acho que ainda estamos bem longe disso. A inclusão ainda não conseguiu chegar à beleza do seu conceito e das execuções que ela tem na teoria pedagógica. A maior parte dos professores que ministra disciplinas nos cursos de pedagogia, infelizmente, ensina aquilo que receberam, uma formação excludente, ou seja, eles continuam formando alunos, ou melhor, professores para trabalhar com determinadas pessoas, com determinada deficiência, eles ainda pensam que para que esses alunos estejam na escola eles precisam que a escola adapte os conteúdos, currículos, atividades, avaliações e tenha uma professora acompanhando diretamente os alunos na sala de aula, que não são todos os casos que são passíveis de serem incluídos. Nós estamos falando de inclusão, não apenas de inclusão de pessoas com deficiência física, mas de todos, e nesse sentido a escola é que tem que mudar, reflorescer e não os alunos '- digo alunos, pois não são apenas as crianças, mas os alunos de cursos superiores também'. A escola tem enorme resistência de mudar os paradigmas para atender a turma toda, pois fica fazendo arranjos e na formação são esses



arranjos que são ensinados, mas infelizmente nós temos ainda muita dificuldade de formar professores para Educação Especial e para a educação comum, a partir da concepção inclusiva.

4) Professora, qual o maior empecilho para uma educação totalmente inclusiva no Brasil?

MARIA TERESA MANTOAN: As exigências da escola comum no sentido de analisar como ela realiza os processos escolares, suas práticas e a intransigência, pois em determinados casos ela atua de uma maneira excludente. Nós estamos muito mais voltados ainda para uma escola para alguns alunos, pois tentamos corresponder a um padrão que a escola inventou para definir quem é o aluno ideal. Atualmente, a escola se interessa muito mais para os indicadores quantitativos em detrimento dos valores qualitativos de ensino e aprendizagem. Portanto, o maior empecilho para que uma educação inclusiva, de fato, possa acontecer é a intransigência e a resistência da escola no sentido de mudar e acolher os alunos que não alcançam o modelo historicamente firmado sobre o aluno ideal.

Entretanto, apesar de tudo isso nós conseguimos o que é prioritário e de uma forma espetacular, que foi colocar as crianças na escola. Por que sem que todos estejam na escola, ressaltando as crianças com deficiência, a escola comum não experimenta o desafio que essa situação representa. Desta forma, tem ainda mais dificuldades de entender o que é inclusão e, conseqüentemente, mais dificuldades para melhorar a educação para todos os alunos e não especificamente para alguns alunos, os novos que estão entrando e entrarão. Olhar com maior realidade para as pessoas, não considerar padrões de identidade fixadas dos alunos, aqueles que são bons alunos, aqueles que não são, aqueles que estão preparados e aqueles que não estão, aqueles que são de um nível socioeconômico e cultural indesejado para o modelo escolar, aquele que tem menos possibilidade de cursar uma matéria do que outro, aqueles que tem uma deficiência. Essa é uma grande questão que nós enfrentamos no momento, fazer com que a escola se conscientize de que ela não está oferecendo aos alunos uma educação coerente com o tempo em que vivemos no momento.



5) A nossa legislação é forte o suficiente para garantir o direito de todos ao ensino?

MARIA TERESA MANTOAN: Lógico, porque a inclusão, ou seja, a igualdade de todos ao direito a educação está garantido em nossa Constituição. Essa Constituição assimilou muito bem a inclusão de todas as pessoas aos bens públicos, mas especialmente em relação às pessoas com deficiência. Além de a Constituição assegurar o direito de todos indiscriminadamente à educação a *Convenção Internacional do Direito das Pessoas com Deficiência* também reforçou a igualdade do direito de todos à educação assimilando o fórum privilegiado da Convenção Internacional do Direito das Pessoas com Deficiência que deixa claro que as pessoas com deficiência devem estudar em ambientes escolares inclusivos.

Portanto, tudo que é feito fora disso é fruto de uma resistência que acredita que o lugar dos alunos com deficiência não é na escola comum. Atualmente, nós tivemos um grande problema com as escolas particulares que só queriam aceitar as crianças com deficiência se os pais pagassem uma equipe e um valor a mais. E eles foram vencidos, pois o Supremo, através do Ministro Luiz Edson Fachin, garantiu em seu parecer o direito de todos à educação em escolas comuns.

6) Professora, a senhora é referência Nacional em Inclusão Escolar. Portanto, quais são as dificuldades que um pesquisador enfrenta nessa área. Quais são os caminhos que o pesquisador pode percorrer?

MARIA TERESA MANTOAN: Primeiro, ele precisa saber qual é a questão de fundo da inclusão. A inclusão é a diferença e não a pessoa diferente, pois todos nós somos diferentes, desta maneira, estudar a diferença é um ponto crucial. A diferença é um conceito muito importante e que traz o cerne da compreensão da inclusão, pois quando compreendemos que todos nós somos diferentes e que estamos constantemente nos diferenciando percebemos que não faz sentido excluir alguém, pois somos todos diferentes.



Desta forma, excluir uma pessoa, por exemplo, por causa da cor, da deficiência ou qualquer outra forma de exclusão, além de ser um ato discriminatório, estamos negligenciando o indivíduo como pessoa. Portanto, enquanto pesquisadores não podemos fixar paradigmas e criar um modelo, uma vez que, as pessoas estão constantemente se diferenciando; nós estamos sempre sujeitos a esse processo de transformação.

Fato é, pois, se queremos entender o que é a inclusão precisamos, dependendo da área em que atuamos, se for na escola como um professor, se for um engenheiro ou um biólogo, precisamos entender a profissão a partir desse foco de entendimento, que o sujeito é cotidianamente transformado, por exemplo, um engenheiro precisa entender que aquilo que ele faz não pode ser feito para alguns, ele tem que fazer para todos e para fazer para todos ele precisa considerar a diferença de todos e não um modelo, pois todo modelo exclui aqueles que não são iguais ao modelo produzido. Assim, qualquer profissão e qualquer profissional que queira trabalhar com a inclusão terá que pensar nesse sentido: no acesso de todos aos bens da sociedade.

Desta maneira, toda e qualquer profissão que trabalha e que tem como matéria-prima ou produto final as pessoas, precisam entender com quem convivem e transformar aquilo que estão estudando em algo que beneficie a todos e não a alguns. Já passou da hora da sociedade entender que não existem os normais e os deficientes, os sadios e os sãos, os bonitos e os feios, os altos e os magros, os negros e os brancos, as mulheres e os homens, existem as diferenças e não nos cabe dizer quem é mais ou quem é menos, quem tem mais ou menos atributos que sejam desejáveis. Isso é uma mudança de mentalidade, uma mudança de paradigma para qualquer formação. Evidentemente que isso é muito difícil, pois é uma mão de direção dos nossos estudos que ainda está bem longe de ser captada por aqueles que estão se preparando para o mundo.

Entretanto, precisamos evidenciar que é preciso olhar as pessoas não a partir de um foco privilegiado, e isso não é obrigação apenas da pedagogia, mas uma necessidade que também tem que passar pelas ciências duras, pelas áreas tecnológicas, artísticas – os artistas são os melhores de todos, eles tem facilidade de entender este pressuposto, mas as outras formações ainda precisam percorrer um bom caminho. Contudo, o mundo está aproximando de tal maneira as pessoas, está mostrando de uma forma tão violenta as questões dos imigrantes, dos problemas entre Ocidente e Oriente, na verdade, o que não é conseguido por



livre vontade, é conseguido pela força. Os inteligentes e os flexíveis conseguem de maneira mais saudável, mas os mal formados vão ter que conseguir pela força impositiva entender o que é a inclusão e o acolhimento da diferença.

7) A senhora vislumbra a educação do futuro de alguma forma?

MARIA TERESA MANTOAN: Quando eu recebi a Ordem Nacional do Mérito Educacional, o que eu disse nesse momento foi exatamente isso: Eu fui uma péssima aluna, não me lembro de ter sido uma aluna nota 10 na graduação, nem no mestrado, nem no doutorado, pois sempre me interessei mais em atender os meus projetos pessoais do que os projetos dos meus professores. Desta forma, eu quero a mesma postura dos meus alunos, pois não quero alunos meus fazendo o que faço ou seguindo restritamente as minhas ideias, desejo que eles trabalhem em relação à inclusão, pois é uma escolha deles, mas que busquem novas etapas e coisas que eu ainda não pensei. Portanto, respondendo a sua pergunta, eu enxergo a educação desta maneira, algo não acabado e que eu não vislumbro final. Com isso, tudo o que penso hoje excede e ultrapassa aquilo que vivi e pensei ontem, então o que quero viver sempre não está definido por uma meta final; uma ideia final; um encontro final em relação à educação.

Dito isso, o que eu quero viver com a educação é uma luta constante para que ela sempre nos surpreenda e cada vez mais a educação consiga atender, mesmo que parcialmente, os reclames dos nossos alunos, da nossa sociedade, mas sempre nessa ideia de que esses reclames tenham a ver com novidades, com formas realísticas de se viver no mundo. Portanto, espero o seguinte, não atingir qualquer meta, o que quero é fazer hoje o que é melhor para mim diante daquilo que é contingencial e circunstancial, não tenho ideias futurísticas, por isso eu nunca liguei pra essa ideia que tem que ser um bom aluno para entrar na universidade, um bom aluno pra ser doutor, um bom aluno para ganhar a medalha do Presidente, nunca pensei em nada disso, sempre na minha vida tentei ser uma pessoa coerente com o mundo em que eu vivo, com a situação que vivo, não sou uma pessoa que vive o amanhã. Eu sou uma pessoa normal, estudo muito, mas estou sempre com os pés no chão.



ENTREVISTADORES: Professora, agradecemos a entrevista, que entendemos ser de extrema importância para os professores e pesquisadores da Educação Especial e Inclusão Escolar.